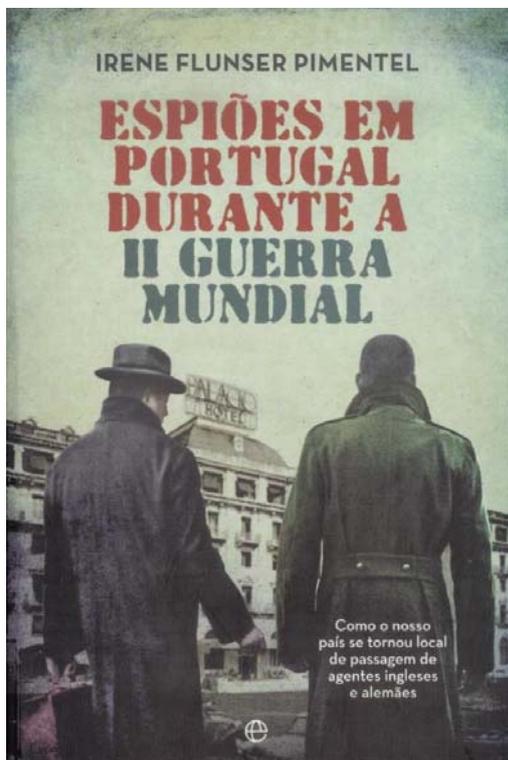


Espiões em Portugal durante a II Guerra Mundial

Mário Beja Santos¹,



País neutral, o ponto mais ocidental de um continente a ferro e fogo, com um porto de onde partiam navios para o norte de África, continente americano e parcelas do império, obviamente que Portugal atraiu os serviços de propaganda e espionagem dos principais campos beligerantes. A Alemanha de Hitler e a resistente Grã-Bretanha tiveram a fatia de leão, mas também aqui atuaram os serviços secretos italianos, franceses, norte-americanos, polacos, checos e romenos, e até soviéticos. Moviam-se com relativa impunidade, aqui arribaram nomes sonantes da espionagem até que, em Maio de 1943, Salazar criminalizou a espionagem estrangeira em solo português. “*Espiões em Portugal durante a II Guerra Mundial*”, por Irene Flunser Pimentel (A Esfera dos Livros, 2013) é porventura o mais sólido levantamento da arte de espiar e contra-espiar durante a II Guerra

Mundial, em Portugal. A historiadora Irene Pimentel adverte que este estudo é para ser continuado. A despeito do livro ter mais de 500 páginas diz só ter consultado uma pequeníssima parte das fontes disponíveis dos serviços secretos ingleses, norte-americanos e alemães, não tendo acedido aos arquivos espanhóis, franceses e italianos, entre outros.

A historiadora dá-nos o contexto desta espionagem feita em Portugal. A maioria da população portuguesa era aliadófila, mas houve matizes quanto aos apoios e simpatias, como ela escreve:

«A assinatura do pacto germano-soviético aproximou, de forma aparentemente espúria, comunistas e germanófilo pró-nazis, afastando a Igreja Católica e elementos do regime salazarista da Alemanha nacional-socialista. Por outro lado, a invasão da URSS, em Junho de 1941, reaproximou todos os anticomunistas portugueses da Alemanha e juntou no mesmo tempo os simpatizantes dos Aliados ocidentais e os comunistas, adeptos da URSS, numa frente única contra o nazismo alemão. Também a imprensa portuguesa, bem como diversas instituições do regime, nomeadamente os organismos policiais e polícias, a Legião Portuguesa, o Exército, a Igreja, para não falar das organizações estatais da juventude, inclinaram-se também, a partir de 1941, para o lado alemão, para deste se afastando, à medida que a sorte da guerra se inclinava para o lado dos Aliados, a partir de 1943».

¹ Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

Como igualmente se compreenderá, as embaixadas acreditadas em Lisboa tudo faziam para atrair apoios e ganhar simpatizantes, havia que recrutar informadores, ter acesso aos horários de aviões, barcos e comboios, havia que comprar matérias-primas, etc. Salazar terá os seus amargos de boca, com o caso do desmantelamento da rede britânica Shell que vinha industriada para dinamitar objetivos estratégicos caso os alemães invadissem Portugal. A situação atlântica é um forte condimento para a espionagem, na previsão de bombardeamentos aéreos ou de ataques de submarinos e, além disso, Portugal é também uma plataforma de passagem de prisioneiros de guerra, haverá troca de prisioneiros num ambiente em que os aparelhos telégrafos sem fio expedem e recebem mensagens dos contendores.

Um dos méritos da historiadora é manter a dinâmica do texto e o leitor permanentemente açoitado por eventos muitas vezes mirabolantes. Poderá ter sido um exagero a difusão da ideia de que Portugal naquela altura era o principal centro de espionagem do mundo. Mas, exagero ou não, por aqui circularam informações que serviram para desorientar os alemães quanto ao local e a data do desembarque aliado no norte da França. Os hotéis lisboetas estavam referenciados como pró-alemães ou pró-Aliados. A historiadora diz que o Suíço-Atlântico, Duas Nações, Bristol, Victoria e Francfort estariam cheios de agentes alemães, como acontecia com o Avenida-Palace, na Praça dos Restauradores.

«Um corredor ligava diretamente o cais dos comboios da estação do Rossio a um andar superior desse hotel, para possibilitar a chegada incógnita e sem controlo policial de personalidades importantes e espões do Eixo, que também recrutavam no café Chave de Ouro, no Rossio, e entre as mulheres portuguesas e holandesas nos *night clubs*».

Os atores que aqui espíaram ganham forma, tornam-se convincentes, abre-se o cenário e somos confrontados com a atividade dos protagonistas e induzidos a perceber o papel de máquinas poderosas como a máquina alemã de cifra “Enigma” que virá a ser decodificada em Bletchley, na Grã-Bretanha. Os espões estão atentos às negociações luso-britânicas, os alemães irão transformar-se no principal destino das exportações portuguesas, precisavam avidamente de volfrâmio, conservas, lãs, peles, couros, estanho. Só muito mais tarde é que os Aliados conseguirão impedir a exportação de matérias-primas críticas para o Reich.

A autora passa em revista, uma fase após a outra, a atuação das redes de espionagem, não esquecer que Hitler arquitetou invadir Portugal para atacar Gibraltar. Nesse pano de fundo, vemos a propaganda dos beligerantes, a vinda de Walter Schellenberg, um todo-poderoso das SS, com o plano gizado em Berlim para raptar o duque de Windsor. Lisboa enche-se de notabilidades e refugiados a partir da queda da França, vemos a postura das instituições do regime atraídos pelo nazismo e pelo fascismo, os espões encontram-se nos hotéis, proliferam os agentes duplos, acompanhamos as atividades da PVDE (antecessora da PIDE) e da legião portuguesa, a guerra prossegue e intensificam-se as ações de desinformação, constituem-se focos de resistência com o concurso de diferentes refugiados. Depois, entram em jogo os serviços franceses e norte-americanos, e os soviéticos também fizeram a sua perninha. Figuras lendárias como Kim Philby e Ian Fleming por aqui andaram à cata de informações e a consolidar redes.

Em meados de 1942, Salazar está convencido que passou o perigo de uma invasão de Portugal, os britânicos tornar-se-ão gradualmente mais exigentes, e depois os norte-

americanos. Salazar não poderá recusar a base das lajes e outras facilidades nos Açores, isto numa altura em que os soviéticos estão na ofensiva, Mussolini foi afastado do poder e os norte-americanos desembarcaram na Sicília. A historiadora nunca perde o bom ritmo e a vivacidade da escrita, desvela as redes alemãs e onde e como Lisboa é uma placa giratória para a movimentação dos espões. Há histórias surpreendentes como a do agente Zig Zag, espão duplo, que enganou meio mundo, era Edward Arnold Chapman, o relato destas peripécias é impressionante. Mas há mais agentes duplos, como Garbo que montou uma rede fictícia. Proeza que merece destaque é a Operação Fortaleza, que serviu para enganar os alemães que a todo o transe pretendiam saber antecipadamente onde ia decorrer o desembarque aliado. Como se lê compulsivamente o que se refere aos últimos anos da guerra e como da vitória aliada se caminhou para a Guerra Fria, multidões festejaram o fim da guerra em Lisboa na mesma altura em que a bandeira nacional era posta a meia haste pela morte de Hitler. Habilidosíssimo, Salazar felicitou o governo inglês e esteve presente na missa de ação de graças e adiantou que houvera a derrota de “uma visão porventura demasiado continental da Europa” face à “conceção historicamente mais exata da sua universalidade – queria dizer “do Atlântico” – tudo fora favorável ao interesse de Portugal...